

Mulheres no futebol



Campinas, dezembro de 2025

Este jornal, feito pelos alunos da PUC-Campinas, é um produto da disciplina Projeto Experimental, sob orientação do professor Aduino Molck

Foto: William Castro



Bruna Ficagna,
apresentadora
do Globo Esporte
Campinas

Futebol é coisa de mulher

A jornada de Angelina

Jogadora assinou com o Fluminense, seu primeiro contrato com um clube profissional

Por Gustavo Seneme

Sempre apaixonada por futebol, andando com a bola nos pés e as luvas nas mãos, Angelina Cardoso irá realizar o sonho que bateu na trave em vários momentos da sua jovem vida. Aos 17 anos, a menina agora irá ter a primeira experiência em um clube profissional, na equipe Sub-20 do Fluminense.

Sua aprovação no clube carioca é o mais recente capítulo de sucesso de um projeto social pioneiro de Americana (SP), a Escola de Goleiros Camisa 1, que há quase duas décadas abre portas para o futebol feminino de uma maneira particular: treinando meninas ao lado de meninos.

Nascida em Piracicaba, Angelina se mudou aos 2 anos para Americana, e por falta de escolas dedicadas exclusivamente a meninas na região, viu no projeto de goleiros a oportunidade perfeita para se aperfeiçoar na função. Ela que começou jogando na linha e migrou para o gol, sempre teve a mentalidade que seria profissional.

“Desde pequena sempre fui muito apaixonada por futebol. Como cresci em um meio familiar conturbado, eu só saía de casa para jogar, treinar, e isso sempre foi um alívio para mim, um descanso. Desde que cheguei ao Camisa 1, disse que queria tentar ser profissional.”

Quando Vander, idealizador e coordenador do projeto, fundou a Camisa 1 em 2005, o objetivo era claro. “O projeto nasceu com o intuito de ajudar pessoas, independente do gênero”, explica. “Aqui não existe desigualdade, o tratamento é igual para todos.”

Essa filosofia permitiu que a escola se tornasse um polo inesperado para talentos femininos, muito antes de Angelina. Vander recorda das primeiras desbravadoras. “A Bruna e a Jéssica participaram do processo lá atrás, quando não tinha uma grande estrutura. Imagina como era para essas meninas entrar nesse mundo em 2006? Elas foram pioneiras. Hoje, a Jéssica, por exemplo, é preparadora de goleiros da equipe do São José Feminino e chegou a servir a Seleção Brasileira”, conta Vander. “Recebo cada vez mais pedidos de equipes profissionais por goleiras, e esses exemplos servem como estímulo para as próximas gerações.”

O projeto Camisa 1 se destaca não apenas por seu pioneirismo — a primeira escola de goleiros do país e uma inspiração para centenas de outras — mas principalmente por sua forte filosofia social. A escola funciona como uma associação sem fins lucrativos e já atendeu milhares mais de 4,5 mil crianças e jovens dos municípios de Americana, Sumaré, Santa Bárbara D’Oeste, Limeira, Piracicaba e Nova Odessa. Hoje, são 150 alunos matriculados com idade entre 7 e 17 anos.

A essência da iniciativa vai além do preparo técnico para clubes, focando no desenvolvimento pessoal, educacional e familiar dos alunos. Para viabilizar essa missão, Vander destaca que a manutenção financeira é uma “luta diária”, dependendo da Lei Paulista de Incentivo ao Esporte e do aporte de empresas parceiras. Esse caráter social transborda os muros do pro-



jeto, com ações diretas na comunidade, exemplificadas pela recente arrecadação de 15 mil litros de leite distribuídos para mais de 30 entidades locais.

Ambiente Misto

No Camisa 1, se nota a ausência de uma divisão feminina, tendo meninas e meninos jogando juntos. Vander, o coordenador, não vê isso como uma falha estrutural, mas como parte fundamental do método de desenvolvimento.

“Eu vejo como benéfico essa mistura entre homens e mulheres”, explica Vander. “Sem dúvida, em algum momento, elas enfrentam um grau de dificuldade maior. E eu acho isso positivo no sentido da evolução dela, do fortalecimento de mentalidade.”

Ele explica, no entanto, que a integração é monitorada para não desencorajar as

atletas. “Nós do projeto temos que ter a sensibilidade de saber o nível que a menina chega, qual faixa etária se encaixa melhor pelos aspectos físicos, para que seja um estímulo, não uma pressão ou algo que a desmotive.”

Angelina confirma que o método funcionou para ela, ressaltando o respeito que sempre existiu no ambiente da Escola. “Sabemos que o ambiente do futebol é predominantemente masculino, mas isso nunca foi um problema para mim. Aqui sempre fui tratada com respeito por todos”, conta.

Mais do que apenas se adaptar, ela abraçou a competição. “Treinar com os meninos era uma coisa diferente, mas era desafiador, eu gostava. Nos duelos, eu conseguia vencer os meninos, era muito bom saber que em um esporte masculino uma menina pode vencer de

Angelina começou jogando na linha e migrou para o gol, sempre teve a mentalidade que seria profissional

Fotos: William Castro





“

A semana de testes no Rio de Janeiro foi um choque de realidade. O maior desafio foi vencer eu mesma, em questão de cansaço

”

um menino”, recorda.

A comissão técnica do Camisa 1 percebeu rapidamente o potencial de Angelina e intensificou esse desafio. “Sempre treinei com os mais velhos”, relata a goleira. “Os professores, como viam potencial em mim, me colocavam em treinos com uma idade bem acima. Então sempre foi treinos agressivos, chutes fortes, e isso me ajudou a evoluir.”

Os benefícios físicos dessa abordagem foram inegáveis e moldaram o estilo de jogo da atleta. “Me ajudou muito, principalmente a ter mais força física e mental”, afirma. “Um exemplo, meu chute hoje é mais que os dos meninos daqui.”

Desistência e a Retomada

Apesar do talento evidente, a introdução diz que o sonho “bateu na trave”, e isso aconteceu de forma literal. Aos 13 anos, uma indicação para o São José não vingou por ela ser muito nova para o alojamento. Chegou a recusar propostas de Ferroviária, Corinthians e Palmeiras. Logo depois, veio a pandemia que a impediu de sair de casa, e com problemas pessoais Angelina decidiu parar.

“Eu fiquei muito frustrado, fui muito persistente em tentar convencer sua família e ela”, admite Vander. “Sabia que ela era um grande potencial, mas para você ver como ela tem personalidade forte, ela

contrariou e desistiu. Avisei que se um dia mudasse de ideia, era só me ligar.”

A paixão foi reaccesa longe do Brasil. Angelina passou um ano nos Estados Unidos morando com tios, que a incentivaram a voltar a jogar. A experiência internacional trouxe a maturidade que faltava. “Tive a oportunidade de viver fora por um período, cresci muito como pessoa, me sinto pronta para o desafio.”

O retorno

Ao retornar, Vander montou um planejamento de treinos para prepará-la para testes. A oportunidade no Fluminense surgiu rapidamente: “Um amigo que também é preparador me perguntou se tinha uma goleira, pois o Fluminense estava precisando. Mandeí ela para lá”, conta Vander.

A semana de testes no Rio de Janeiro foi um choque de realidade. “Foi muito puxado para mim, os dois primeiros dias foi treino físico, e eu achei que fosse desmaiar. O maior desafio foi vencer eu mesma, em questão de cansaço”, lembra Angelina.

A qualidade técnica de Angelina se destacou. A resposta veio do próprio preparador do clube carioca, que ligou para Vander e questionou “Como essa menina está sem time?”.

A notícia da aprovação selou a longa jornada. “Fiquei sabendo que passei ain-

da no Rio de Janeiro, e acabei me emocionando muito”, diz Angelina. O sentimento foi compartilhado por seu mentor. “para nós é muito gratificante, ver a menina que vimos crescer a colher os frutos, ainda no caso dela depois de desistências e vindas e idas. Ela tem muita perspectiva de crescimento.”

No Fluminense, Angelina já foi inscrita para a Copa São Paulo de Futebol Júnior Feminina. “Espero conseguir fazer alguma partida no torneio, já seria uma vitória para mim”, projeta a goleira, que admite certa insegurança por nunca ter tido muito “tempo de jogo” competitivo, algo que espera desenvolver no clube.

Além de defender, ela carrega um sonho particular: ser uma goleira-artilheira, inspirada em seu ídolo, Rogério Ceni. “Eu tenho esse sonho e já treino batidas de faltas. Minha grande inspiração nesse quesito é ele, sem dúvidas”, revela.

Com sua ida para um grande clube, Angelina se torna a nova referência para as meninas da Camisa 1, como a jovem Alexia. “Tenho certeza que ela e outras meninas vão me ver no Fluminense e isso vai dar uma energia maior para elas acreditarem em seus sonhos.”

Para Vander, a conquista reforça o propósito do projeto: “Angelina é mais uma história que vai servir como estímulo. É o legado que se transforma em realidade.”



Vander é o idealizador e coordenador do projeto; fundou a Camisa 1 em 2005

Foto: William Castro

Sissi, a primeira camisa 10

“Não deixavam eu jogar por ser menina; mas eu nunca aceitei o não como resposta”

Por Gustavo Seneme

Sissi é um dos maiores nomes da história do futebol feminino brasileiro. Nascida em Esplanada, no interior da Bahia, cresceu em um país onde mulheres eram proibidas por lei de jogar bola — e, ainda assim, driblou as barreiras sociais e culturais para se tornar uma das protagonistas da seleção brasileira nos anos 1990. Canhota, criativa e dona de uma das cobranças de falta que mais marcaram o futebol feminino, ela foi símbolo de resistência em tempos em que o esporte feminino lutava por sobrevivência.

A trajetória de Sissi começou cedo: aos sete anos, desafiou o machismo da própria família e da comunidade ao insistir em jogar, mesmo sem permissão. De lá, percorreu um caminho repleto de dificuldades até alcançar o topo — com passagens por clubes como Saad, São Paulo, Vasco e Bahia, além de duas Copas do Mundo (1995 e 1999) e duas Olimpíadas (Atlanta 1996 e Sydney 2000). O auge veio no Mundial de 1999, nos Estados Unidos, quando foi artilheira do torneio e levou o Brasil ao inédito terceiro lugar, conquistando o reconhecimento internacional que o país ainda relutava em oferecer.

Após encerrar a carreira, mudou-se para os Estados Unidos, onde iniciou a transição para a área técnica e construiu uma nova fase como treinadora e diretora de base no Walnut Creek Surf, equipe da Califórnia. Mesmo distante dos gramados brasileiros, Sissi continua sendo uma referência e voz ativa na defesa da valorização das pioneiras — as jogadoras que abriram caminho para que o futebol feminino alcançasse o espaço que ocupa hoje.

A seguir, Sissi relembra os primeiros passos em meio à proibição, os desafios e preconceitos enfrentados dentro e fora de campo, a

emoção de viver o auge em 1999 e a missão de inspirar novas gerações como técnica nos Estados Unidos.

Você pode contar, em poucas palavras, como começou a jogar bola?

Eu comecei a jogar bola aos sete anos de idade, na cidade de Esplanada, interior da Bahia. Minha paixão começou vendo meu pai e irmão jogando bola, mas a princípio eles tinham a mentalidade de que eu não podia jogar por ser menina, aquela história de sempre. Eu não aceitei o “não” como resposta. Até um dia que me revoltei e comecei a arrancar a cabeça das minhas bonecas e utilizar de bola para jogar. Depois de um tempo, meu pai viu que eu tinha nascido com um dom para aquilo e me deu minha primeira bola de futebol.

Quando percebeu que o futebol, que começou como uma brincadeira, poderia se transformar em uma carreira? Houve um momento específico em que você pensou: “é isso que eu quero fazer da vida”?

O futebol feminino não era profissional naquela época, então não dava para ter a noção de que aquilo seria minha profissão. Nos mudamos para Campo Formoso, também no interior da Bahia, e lá foi a primeira vez que encontrei uma menina que também jogava futebol. Nós montamos uma equipe para jogar na região e, em um desses jogos, fui chamada para jogar na equipe do Grêmio Estudantil do Senhor do Bonfim — ali nasceu o sonho. Aos 14 anos tive a certeza de que jogar futebol era meu caminho, quando fui jogar no Flamengo de Feira de Santana, um clube mais organizado, com campeonatos. Depois de três anos fui para o Bahia, onde jogava no campo e no salão. Em 1988, fui convocada para representar

a Seleção Brasileira na Invitations Cup, um torneio experimental para a primeira Copa do Mundo e ali comecei a ter mais certeza que seguiria com isso na vida, mas foi tudo muito devagar.

Durante a sua infância, o futebol feminino ainda era vetado por lei, e as mulheres que insistiam em jogar enfrentavam preconceito social e até institucional. O que alimentava a sua vontade de continuar jogando mesmo diante dessas restrições, e como foi romper esse tabu dentro da própria casa e da comunidade?

Cresci em um ambiente familiar muito rígido com essas questões de gênero — “menino faz isso, menina aquilo” — e sempre fui contra isso. Sempre perguntava, quando diziam que eu não podia fazer algo por ser menina, “mas por que não posso?”. Nunca aceitei esse tipo de restrição, e acho que isso me ajudou no meu crescimento pessoal. Eu sabia da lei que proibia o futebol feminino, mas quem no interior da Bahia iria fazer algo a respeito? Então nunca me importei muito com isso. Os vizinhos comentavam com minha mãe que era um absurdo uma menina jogar, mas eu sempre fui contra essa imposição da sociedade.

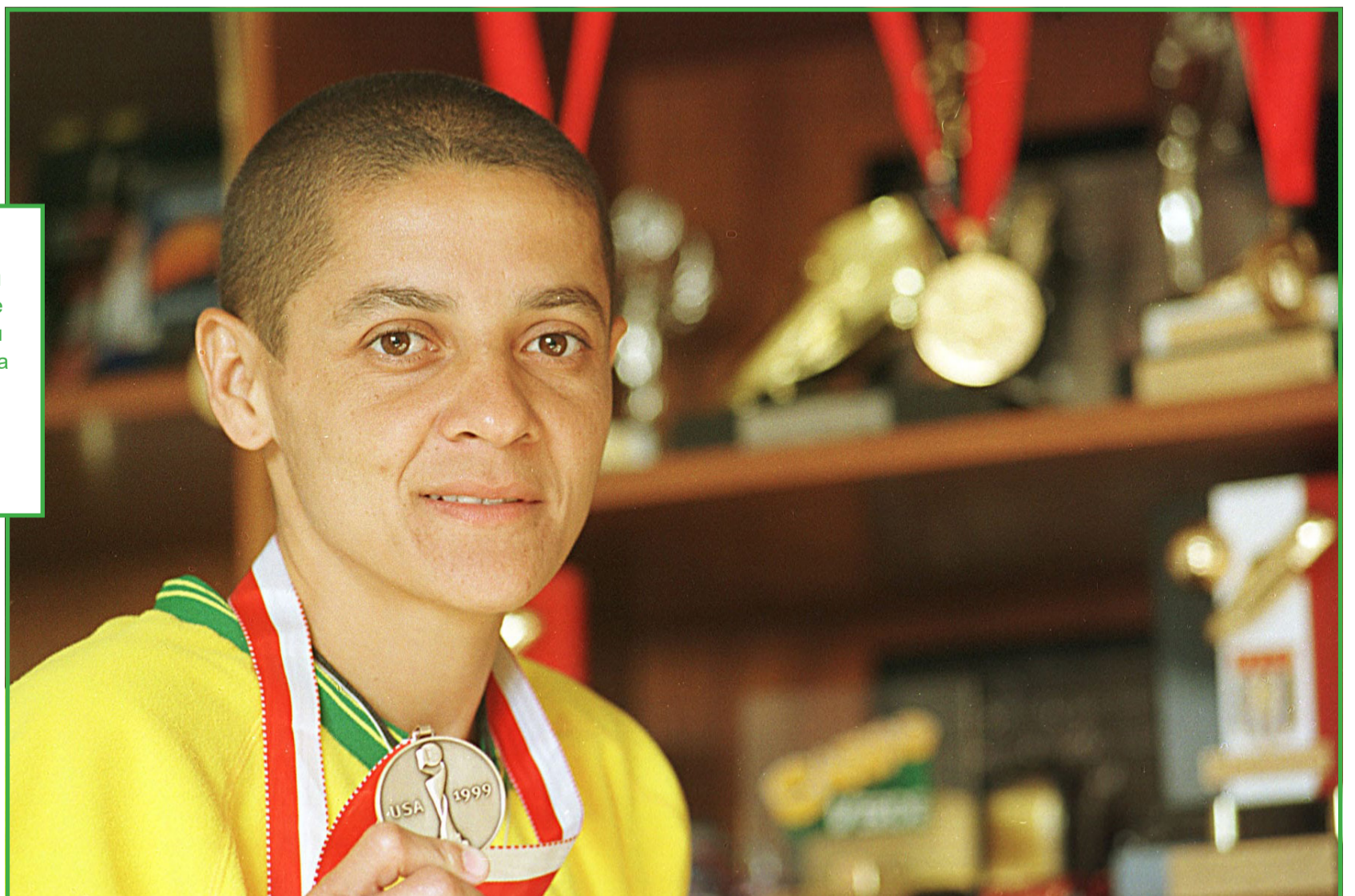
As jogadoras da sua geração enfrentaram uma série de desafios estruturais. Quais foram os maiores sacrifícios que você e suas colegas precisaram fazer para continuar jogando em alto nível? Há alguma lembrança marcante que simbolize bem as dificuldades daquele período?

Passamos por várias equipes sem o suporte profissional que merecíamos. Vivíamos na sombra do futebol masculino; queríamos nosso próprio espaço e identidade. Na seleção brasileira usávamos uniforme

O que precisa mudar, na minha opinião, é a cultura da sociedade. Investir em categorias de base e em escolas é fundamental

A trajetória de Sissi começou cedo: aos sete anos, desafiou o machismo da própria família

(Foto: Arquivo Pessoal)



Sissi foi símbolo de resistência em tempos em que o esporte feminino lutava por sobrevivência

(Foto: Arquivo Pessoal)



do masculino — só em 1999 tive meu primeiro uniforme pensado para mulher. São coisas que passamos para chegar onde estamos hoje. Alguém precisava plantar essa sementinha.

Como eram as condições dentro da seleção brasileira nos anos 1990/2000? E como era a cobertura da mídia e o interesse do público?

Hoje a visibilidade é bem maior: campeonatos são transmitidos e o futebol feminino é mais comentado. A estrutura melhorou em relação à minha época, embora ainda falte investimento. O que precisa mudar, na minha opinião, é a cultura da sociedade — investir em categorias de base e em escolas é fundamental.

Hoje você vive e trabalha nos Estados Unidos, um país em que o futebol feminino é consolidado e valorizado há décadas. Quais são, na sua visão, as principais diferenças entre o modelo de formação de atletas nos EUA e o do Brasil?

Nos EUA há investimento contínuo: universidades, programas de base e oportunidades educativas atreladas ao esporte. O Mundial de 1999 foi um ponto de virada e deu impulso aos investimentos lá. Vivendo e trabalhando aqui, vejo que isso é fundamental para o desenvolvimento do futebol feminino.

O que é necessário para que o Brasil valorize e reconheça melhor as pioneiras, como fazem outros países?

Lá fora as jogadoras que fizeram história são sempre homenageadas; no Brasil isso raramente ocorre. As pioneiras deveriam ser convidadas para eventos, para cargos e para participar ativamente — temos muito a contribuir e fizemos parte dessa história.

Nos anos 1990, você era considerada o grande nome da seleção brasileira, antes mesmo da ascensão da Marta. Como foi carregar essa responsabilidade de ser a principal referência do time?

Sou grata por tudo que conquistei. Nunca quis ser líder ou referência — só queria jogar. O Zé Duarte, treinador da seleção, me convenceu a ser capitã e ali desenvolvi o papel de liderança: mais na conversa em particular do que em berrar no vestiário. Fico

muito feliz por ser referência para tantas jogadoras depois de mim.

Em 1999, após o destaque na Copa do Mundo, você cumpriu uma promessa e raspou a cabeça — um gesto simbólico que, mais tarde, repetiu nos Estados Unidos em homenagem a um garoto com câncer. No entanto, esse ato de empatia acabou gerando ataques e até te impedindo de disputar um campeonato. Como foi enfrentar essa repercussão e de que forma toda essa experiência impactou sua trajetória pessoal e profissional?

Eu tinha prometido raspar a cabeça se o Brasil tivesse um bom papel no Mundial de 1999, e assim fiz. Dois anos depois, conheci um garoto de 11 anos nos EUA com câncer que sofria bullying e raspei a cabeça para homenageá-lo. As pessoas disseram que eu queria aparecer; até perdemos patrocinadores por causa disso. Sofri, mas aquilo me fortaleceu.

O gol de falta que decidiu a vitória do Brasil sobre a Nigéria, nas quartas de final da Copa do Mundo de 1999, é um dos momentos mais icônicos da história do futebol feminino — o chamado “gol de ouro”. Além de garantir a classificação inédita para a semifinal, aquele gol teve um peso simbólico enorme para a modalidade e para a sua geração. O que aquele momento representou para você, dentro e fora de campo?

Aquele gol foi o mais importante da minha carreira. Foi um grito para todos que tentavam nos boicotar. Tínhamos certo investimento, mas ninguém queria ver nossa seleção crescer. Aquele momento foi minha salvação, foi onde calei quem tentava puxar nosso tapete.

Marta começou a aparecer justamente no período em que você estava no Vasco da Gama. Você se lembra dos primeiros contatos com ela, ainda no Vasco? Já era possível enxergar ali o talento que faria dela a maior jogadora do mundo?

Não chegamos a jogar juntas no profissional. Eu estava no time principal e ela chegou ao juvenil. Treinei com ela e já dava para notar que era especial, sempre acabava com os treinos, as zagueiras só paravam com faltas. Sempre tentaram criar um rivalidade

entre nós — que nunca houve. Veio a Sissi, depois a Marta, e virão outras.

Em 2024, você foi homenageada como “Icon” no jogo EA Sports FC 26, um dos títulos mais populares do mundo dos games. Como recebeu essa notícia e o que significa, para você, ser eternizada ao lado de grandes lendas do futebol mundial?

Quase deixei passar o email, não entendi de primeira. Meu filho viu, me explicou e eu aceitei. Fiquei muito emocionada, aqui na cidade nos EUA foi uma loucura, todo mundo me parabenizando. Quando vi as pessoas que já foram homenageadas no jogo com lendas, fiquei mais emocionada ainda, somente pessoas as quais admiro. É uma forma de apresentar as lendas do futebol feminino para os jovens.

Depois de encerrar a carreira como jogadora, você iniciou uma nova fase como treinadora nos Estados Unidos, onde também foi auxiliar. Como foi essa transição do campo para o banco de reservas e o que mais te motiva hoje nesse papel?

Pensei em continuar no futebol, mas não sabia em qual função. Depois que parei, fui convidada para jogar numa equipe semiprofissional nos EUA e, mais tarde, a ser treinadora num junior college. Ali o foco é formar o estudante-atleta; foi o começo da minha visualização como treinadora. Trabalhei também como auxiliar no FC Gold Pride, com jogadoras como Marta, Érica e Formiga, o que me ensinou muito.

Quais são seus maiores objetivos como treinadora? Quais sonhos ainda pretende realizar?

Quero deixar um legado como deixei dentro de campo — influenciar as meninas dentro e fora do campo. Tenho experiência como auxiliar em equipe profissional e, se tivesse que escolher um sonho, seria integrar a comissão técnica da Seleção Brasileira.

Que conselho você daria às meninas que sonham em ser jogadoras no Brasil?

Continuem lutando. Nunca deixem que digam que vocês não podem. A mulher pode estar em qualquer função, não só no futebol. O principal é a preparação: se preparem para agarrar as oportunidades que aparecerem.

“Aquele momento foi minha salvação, foi onde calei quem tentava puxar nosso tapete”



Rita de Cássia Medeiros e Simone Fernandes, que atuaram pelo Guarani entre 1983 e 1984, começaram no time da Bosch

(Fotos: João Pedro Belvedere)



O campo do Guarani na época que ainda não podia ser chamado de estádio
(Fotos: Arquivo Pessoal)





Memórias das pioneiras do Guarani

As mulheres que ousaram ocupar o campo e desafiar o machismo no futebol

Por Will Castro

N a década de 1980, o futebol feminino ainda engatinhava no Brasil, e, em Campinas, um grupo de mulheres desafiou o preconceito para vestir a camisa do Guarani Futebol Clube. Jogando por amor ao esporte, sem salário e com pouca estrutura, elas transformaram resistência em legado.

“Eu brincava com os moleques jogando futebol perto de casa, e meu pai não gostava. Cheguei a apanhar várias vezes. Mas era o que eu gostava de fazer”, recorda Rita de Cássia Medeiros, ex-zagueira do clube.

O futebol, até então considerado “coisa de homem”, era visto como uma “quebra de barreira” quando praticado por mulheres. “Não tinha meninas para jogar. Era eu e um monte de molecada. Talvez por isso meu pai não aceitasse”, relembra.

Rita de Cássia Medeiros e Simone Fernandes, que atuaram pelo Guarani entre 1983 e 1984, começaram no time da Bosch, e chegaram ao clube após descobrirem uma peneira.

“Era uma terça-feira, um frio danado e o campo cheio de terra, mas eu passei. A Simone já estava no voleibol do Guarani naquela época, mas entrou no time de futebol logo depois”, descreve Rita. O técnico Fefeco (Francisco Augusto Bafero), conhecido no futebol campineiro, era quem comandava o grupo na época.

Dificuldades

Ambas sabiam que passar na peneira seria o menor de seus problemas, que não demoraram para começar. Os treinos do Guarani aconteciam duas vezes por semana, geralmente à noite, depois do expediente. “A gente trabalhava de manhã, e treinávamos de terça e quinta, sendo que sábado e domingo aconte-

ciam os campeonatos. Voltávamos para casa a pé, à noite, depois do treino. A gente mal tinha dinheiro, e usávamos o que tínhamos para jogar”, conta Simone.

Como se o esforço físico e financeiro não bastassem, havia também o fardo do preconceito. “O que mais existia era preconceito. Poucas vezes falavam diretamente para nós, mas a gente percebia no gesto, no olhar, no desprezo”, relatam. Nas arquibancadas, os comentários machistas eram frequentes. “Lembro até hoje que, uma vez, um rapaz na torcida me perguntava: ‘você é menino ou menina?’. Era esse tipo de coisa que a gente ouvia jogando.”

Rita Medeiros também conta que, mesmo dentro do clube, o espaço era bastante restrito, e suas conquistas pouco valorizadas. “O que a gente podia fazer era treinar no campo de terra. No gramado principal, a gente quase não podia passar perto”.

Resistência

A falta de apoio institucional não impediu que o grupo construísse uma trajetória marcante. “A gente jogava porque gostava. Era impensável receber salário na época. Algumas vezes, diretores e o treinador ajudavam com transporte e alimentação, mas nunca houve pagamento fixo”, relata Simone.

As atletas disputavam competições de futebol de campo e também futsal pelo Guarani, e chegaram a enfrentar situações extremas apenas pelo amor ao esporte.

“Nós utilizávamos os uniformes do masculino para jogar e treinar. Depois dos jogos a gente devolvia. Ganhei minha primeira camisa do Guarani depois de um campeonato de futsal. Estava com uma febre de 39 graus e marquei 4 gols. Foi inesquecível”, completa a ex-jogadora

Carreira

As duas atletas construíram boa parte de suas carreiras jogando juntas. Desde o começo na Bosch, até a chegada ao Guarani, e também as passagens por Saad e Primavera de Indaiatuba.

O que mudou, no entanto, foi na reta final, quando Rita Medeiros migrou para o futsal feminino em Sorocaba, enquanto Simone se manteve no futebol profissional e atuou pela Ponte Preta.

“Sou muito grata por tudo o que o Guarani me proporcionou. Se não tivesse me aberto as portas, jamais teria disputado futebol profissionalmente. Na reta final da minha carreira, já pela Ponte Preta, cheguei a ter uma promessa de convocação para a seleção, mas me machuquei e não pude ir. Foi triste, pois me aposentei logo na sequência, aos 28 anos”, disse.

Legado

Hoje, quatro décadas depois, o futebol feminino vive um cenário bem melhor, apesar de ainda longe do ideal: visibilidade na mídia, campeonatos organizados e atletas profissionalizadas. Para elas, o sentimento é de gratidão misturado à nostalgia. “O que elas têm hoje era o nosso sonho. Elas estão vivendo o sonho que a gente queria viver lá atrás. De certa forma, me sinto parte disso”, analisa Rita Medeiros

Apesar de reconhecerem os avanços, as ex-jogadoras também acreditam que o futebol atual perdeu parte da paixão de antigamente. “Antes, a gente jogava com mais raça, mais coração. Hoje é tudo mais técnico, mas parece faltar aquele amor de verdade”, completa.

Mesmo sem troféus oficiais ou grandes salários, elas deixaram um legado que extrapola o campo e abriu portas para novas gerações de craques.

O que a gente podia fazer era treinar no campo de terra. No gramado principal, a gente quase não podia passar perto

Rita Medeiros



‘Eu luto pelas mulheres no esporte’

Jornalista Renata Mendonça reflete sobre o papel feminino em um meio dominado pelos homens

Por Gustavo Seneme

Renata Mendonça é uma das vozes mais presentes quando o assunto é futebol feminino no Brasil. Jornalista formada pela Unesp (Bauru), passou por veículos como ESPN e BBC, é colunista da Folha de S.Paulo, cofundadora do portal Dibradoras e comentarista fixa no SporTV/Globo, com um portfólio construído entre redações, estádios e coberturas internacionais.

Até chegar a realizar seus maiores sonhos, como de ser comentarista da Globo na Copa do Mundo de 2022, a jornalista de 35 anos trilhou uma longa e difícil caminhada por ser mulher e uma das poucas na área. Com ligação com o jornalismo desde o dia que nasceu - dia do jornalista, ela optou por seguir na área mesmo sabendo das dificuldades: “Sabia das dificuldades, mas nunca pensei que era impossível trabalhar com isso.”

Querendo estar próxima dos grandes centros, Renata transferiu seu curso de jornalismo da cidade de Bauru para São Paulo, em busca de melhores oportunidades de emprego. Em seu primeiro processo seletivo para estágio na ESPN, ela relata que 95% dos participantes eram homens, e mesmo assim conseguiu a vaga. Quando entrou na empresa, havia somente ela e mais uma colega como mulheres trabalhando no setor de esportes.

Depois, pela BBC Brasil como produtora de esportes - e única no setor, teve a oportunidade de cobrir grandes eventos como a Copa do Mundo em 2014, e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Por lá, também teve suas primeiras experiências com questões sociais, que culminaram em um aprofundamento acadêmico com uma pós-graduação em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade, no ano de 2018 - uma base que reflete sua luta na carreira.

O ponto de virada em sua carreira ocorreu em 2015, quando cofundou o Dibradoras. A plataforma se estabeleceu rapidamente como uma voz essencial, dedicada exclusivamente a dar visibilidade ao esporte feminino e a lutar pelo protagonismo das mulheres na mídia esportiva.

Em 2020, Renata foi contratada pelo Grupo Globo, integrando a equipe de comentaristas de futebol. Ela se tornou uma das pioneiras a comentar jogos do futebol masculino no canal aberto e em transmissões de destaque do SporTV e Premiere e em grandes torneios internacionais, como a Copa do Mundo Masculina e Feminina.

Além de seu trabalho na televisão, Renata também foi colunista da Folha de S. Paulo e teve seu trabalho reconhecido internacionalmente ao participar do International Visitors Leadership Program (IVLP) em 2019, focado no empoderamento feminino através do jornalismo esportivo. Sua carreira é um reflexo da luta por mais representatividade e do questionamento do machismo inerente ao meio.

Abaixo, Renata fala sobre futebol feminino, os desafios das mulheres na comunicação esportiva e sua trajetória no jornalismo esportivo.

Você estudou jornalismo na Unesp (Bauru) e, ainda na graduação, decidiu se mudar para São Paulo em busca de oportunidades. O que a motivou a seguir no jornalismo — e especificamente no jornalismo esportivo?

Sempre pensei em fazer algo relacionado ao jornalismo. No ensino fundamental eu gostava muito de escrever e, principalmente, de me comunicar com as pessoas. Também sempre tive curiosidade sobre a rotina do jornalista, que é muito variada e isso sempre me chamou a atenção. Ao mesmo tempo eu gostava muito de esporte e fiquei na dúvida entre seguir Educação Física ou Jornalismo — acabei optando por jornalismo, e posteriormente a área de esporte.

Como você exergava o mercado dentro do jornalismo esportivo para mulheres? Sabia das dificuldades de entrar em uma área majoritariamente dominada por homens?

Eu sabia que não havia muitas mulheres trabalhando com esporte no jornalismo, mas não tinha a noção de que isso seria uma barreira. Sabia das dificuldades, mas nunca pensei que seria impossível. Na escola eu só conversava sobre futebol com meninos, não havia muitas meninas interessadas. Quando fui fazer a entrevista para o estágio na ESPN, não havia nem 5% de mulheres entre os candidatos. Só depois, já trabalhando, fui descobrir as barreiras e dificuldades na prática. Quando entrei na ESPN, havia apenas duas.

Quais foram suas inspirações no jornalismo quando você começou?

As que mais me marcaram foram Glenda Kozlowski e Mylena Ciribelli. Também me impactou muito a Fátima Bernardes na cobertura da Copa do Mundo de 2002, foi um forte exemplo de uma mulher como rosto principal em uma cobertura in loco da Seleção. Essas imagens passam uma mensagem inconsciente de que as mulheres frequentam esse espaço também.

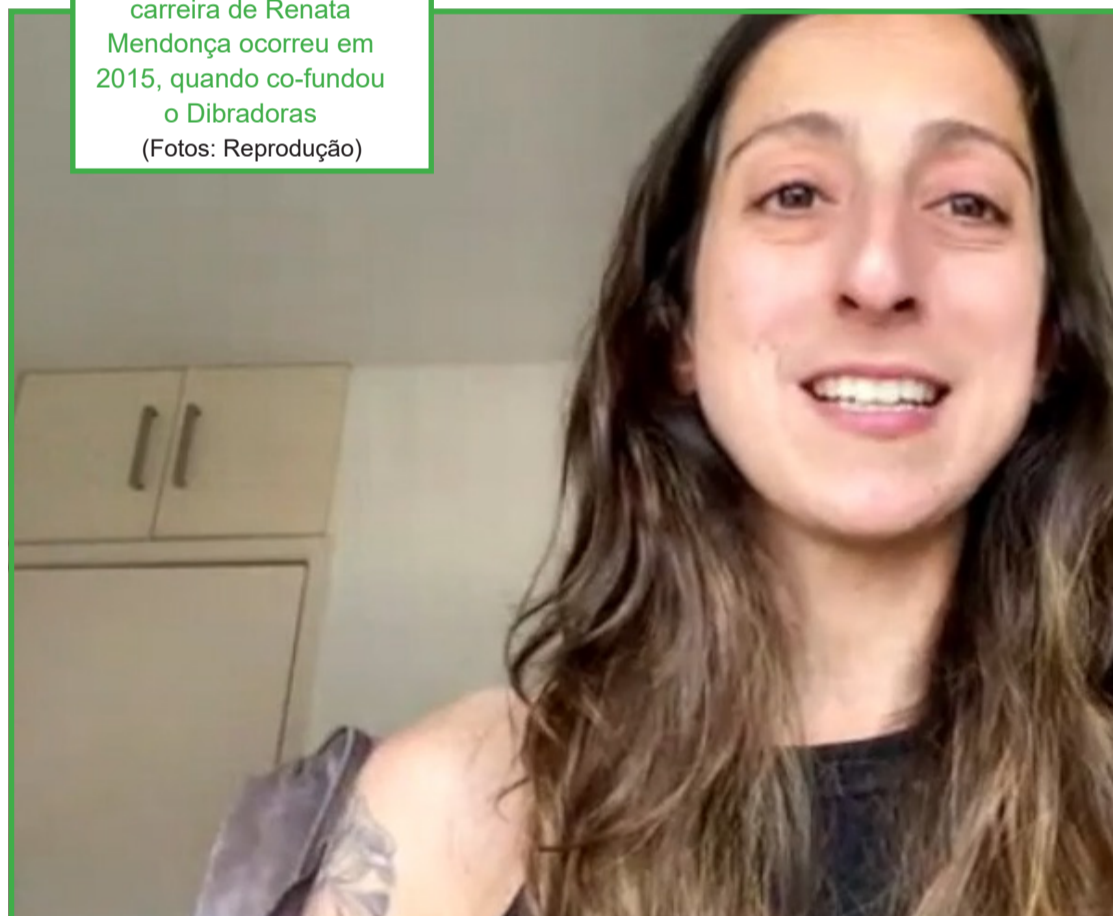
Você fez pós-graduação em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade. Como surgiu esse interesse e como esse aprofundamento te ajudou a analisar o esporte?

Meu letramento sobre gênero começou em 2013, na BBC, quando eu trabalhei em uma redação ampla onde só eu tratava do esporte. Eu lembro que havia mais mulheres em outras áreas que “nem cogitavam” entrar no futebol por causa do ambiente hostil. O feminismo descobriu o esporte na última década, antes, não se falava sobre mulheres no esporte nas pautas feministas, justamente por esse ambiente hostil que afastava as mulheres.

No início da minha carreira, minha intenção não era ser vista como mulher, era ser “como os homens”: eu copiava comportamentos para não correr o risco de exclusão. Várias situações me marcaram: a objetificação de profissionais nas apresentações (comentários sobre corpo), a existência da categoria “musas” nas galerias de Olimpíadas, etc. Essas experiências me levaram a ter consciência de que minha



O ponto de virada na carreira de Renata Mendonça ocorreu em 2015, quando co-fundou o Dibradoras
(Fotos: Reprodução)



causa não era apenas pessoal, mas coletiva: lutar pelo espaço da mulher no esporte, e o estudo acadêmico sobre gênero me deu base teórica e ferramentas para continuar esse legado.

Você já sofreu críticas ou assédio mais intensos por ser mulher na profissão? Como isso ocorre no dia a dia?

É tão cotidiano que, até pouco tempo atrás, nem se identificava como preconceito para as pessoas. Já aconteceram episódios de comentários sobre corpo, roupa, piadas machistas na redação, insinuações de que a mulher está ali “só por ser mulher”. Hoje, com mais mulheres nas redações, os comentários diminuíram porque os homens já não têm a mesma coragem. Ainda assim, é algo que precisamos suportar e resistir para que no futuro outras mulheres não passem por isso.

Você acha que teve de fazer mais do que colegas homens para se provar?

Sim. Quando um programa tem um homem e uma mulher e um erro acontece, o público tende a marcar a mulher de forma mais definitiva. Um deslize de uma mulher é fatal, já o homem muitas vezes passa sem a mesma repercussão. Isso cria uma pressão enorme, você sabe que não pode errar, é um fardo difícil.

Podemos usar como exemplo também a Milly Lacombe, que foi uma das pioneiras dentro do jornalismo esportivo, e até hoje é marcada pelo acontecimento com o Rogério Ceni em um programa esportivo de 2006, que ele entrou no programa para desmentir uma informação que ela havia dado. Quantos homens fizeram coisas até piores dentro do jornalismo e não são marcados? Lembro que um tempo atrás vi um programa que



Quando um programa tem um homem e uma mulher e um erro acontece, o público tende a marcar a mulher de forma mais definitiva

A geração que está vindo vai crescer com essa presença feminilizada do esporte mais naturalizada: meninos e meninas vendo futebol de maneira igual

estava comentando a atuação do jogador Ganso em uma partida, mas ele nem havia participado do jogo. Se fosse uma mulher, tinha acabado para ela.

Você lembra de um momento de virada em que as mulheres começaram a reagir mais e a não aceitar certos comportamentos no ambiente esportivo?

Lembro de um episódio em 2014, quando fui trabalhar na Copa com uma companheira jornalista e ela foi beijada por um torcedor durante trabalho in loco. Esse tipo de situação era tão naturalizada que parecia “parte do trabalho”. Mas foi na Copa de 2018 que houve uma grande virada: situações absurdas começaram a repercutir mais, mulheres reagiam e a sociedade já não aceitava tanto. Foi um momento de maior conscientização pública.

Como você percebe o interesse das novas gerações de mulheres pelo futebol?

As novas gerações muitas vezes não crescem com o interesse pelo futebol, mas desenvolvem esse interesse quando percebem que foram excluídas. A geração que está vindo vai crescer com essa presença feminilizada do esporte mais naturalizada: meninos e meninas vendo futebol de maneira igual desde a infância, é para isso que estamos caminhando.

Como você recebe mensagens de mulheres que dizem ter se inspirado em sua carreira para entrar no jornalismo esportivo?

É inspirador e também um objetivo. Quando cheguei ao patamar em que estou, passei a ter como objetivo trazer mais mulheres para o jornalismo esportivo e naturalizar cada vez mais nossa presença.

Lembro de uma semifinal do Campeonato Brasileiro feminino que teve um trio feminino de transmissão na TV aberta em um domingo a tarde. As meninas ligaram a TV naquele dia e visto tantas mulheres na transmissão, teria compreendido que é possível. Minha filha nasceu este ano e ela não vai viver em um mundo em que não se veja mulheres no conteúdo esportivo. As portas ainda se fecham com frequência, mas quanto mais mulheres interessadas, mais forçamos essas portas para que não se fechem novamente.

Como nasceu o Dibradoras e vocês imaginaram o impacto que o projeto teve?

Nunca imaginamos que o projeto tomaria essa proporção. Começamos como um grupo de mulheres que gostavam de futebol e não se sentiam à vontade para falar sobre o assunto. Criamos um grupo fechado no Facebook para conversar livremente, para um espaço seguro frente à cobrança de “provar” conhecimento, que era o que acontecia nos grupos com homens.

Era comum ouvir frases como “você gosta mesmo de futebol? Então fala a escalação do seu time” ou “explica a regra do impedimento”. Esse tipo de cobrança era desgastante, e só queríamos conversar sobre o que gostava, sem precisar provar nada. O grupo virou um espaço seguro, onde podíamos trocar ideias e perceber que aquela sensação era compartilhada por muitas.

Durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2015, decidimos criar um podcast para falar sobre a seleção brasileira e dar visibilidade a um tema praticamente ignorado pela imprensa. A partir daí, fomos ampliando o olhar e entendemos que a falta de voz das mulheres não se restringia ao futebol: ela se estendia a todo o universo esportivo. As mulheres têm pouca representatividade, seja como treinadoras, árbitras, jornalistas, narradoras ou comentaristas. Nosso objetivo passou a ser contar as histórias dessas profissionais, acreditando que, ao dar visibilidade a elas, mais meninas poderiam crescer com referências femininas no esporte e entender que esse também é um espaço para elas.

Pode contar um matéria marcante na Dibradoras?

Lembro de uma situação que uma marca estava fazendo uma promoção valendo ingressos para o clássico carioca, e o desafio era mandar uma foto vendo jogo mostrando sua paixão por um dos dois clubes – no caso era Flamengo e Botafogo. A foto que venceu era de um homem com a camisa do Flamengo sentado vendo o jogo e, ao seu lado, sua mulher amarrada em uma cadeira amordaçada com a camisa do rival. Depois, fizemos uma matéria apontando o absurdo e, mesmo com a maioria nos apoiando, ainda havia aqueles que não viam mal na foto. E o nosso objetivo era esse, colocar os holofotes para que casos como esse não se repitam.

Quando você sentiu que sua carreira estava consolidada? Tem algum momento ou cobertura que lembra com carinho?

Sou privilegiada por trabalhar com o que amo. Cobrir jogos in loco, entrevistar personagens e viver aqueles acontecimentos são momentos preciosos. Eu cobri a

Copa do Mundo de 2019 pelo Dibradoras, e já foi muito marcante pela transformação que se iniciou ali, ser um veículo independente cobrindo, fui a primeira repórter a chegar na cobertura da Seleção. Fiquei no mesmo hotel que elas, encontrava a Marta pelos corredores, gravei ela tocando cavaquinho com as meninas. São coisas que vou levar para o resto da vida.

Depois, estive na cobertura da Copa do Mundo feminina de 2023, na Austrália, pelo Sportv. Entrei ao vivo de dentro do campo, participando de pré e pós jogo, entrevistar personagens. Vi muitas mulheres trabalhando, foi a primeira vez que o Brasil tinha mais profissionais de imprensa mulheres do que homens em uma Copa do Mundo. Isso foi ver a transformação acontecendo, e isso é faz muito feliz.

Existem diferenças concretas ao cobrir futebol masculino e feminino? Quais?

A principal diferença é a quantidade de informação disponível. No futebol feminino, você frequentemente não encontra dados básicos sobre jogadoras em uma pesquisa rápida. Muitos clubes até pouco tempo não faziam o *midia kit* dos jogos, sem coletiva de imprensa. Em transmissões do feminino, é necessário trazer mais contexto: no masculino o público já conhece o cenário (situação na tabela, histórico), enquanto no feminino muitas vezes é preciso explicar tudo. Então o trabalho de contextualização é maior.

Qual o papel da imprensa esportiva na popularização do futebol feminino? A mídia pode, de fato, ajudar a aumentar a base de fãs?

É fundamental. Muitas vezes se fala que “não há audiência”, mas ninguém pode assistir se não existe transmissão. Se o futebol feminino não for transmitido, não há como medir interesse. Como diz a pesquisadora Silvana Goellner: “não contar uma história é uma maneira de fingir que ela não existe.” A transformação que vimos nos últimos anos é reflexo do aumento da visibilidade. Hoje é possível que meninas cresçam vendo campeonatos na TV e compreendam que ser atleta é uma possibilidade real.

A obrigatoriedade de ter times femininos em clubes da Série A foi importante. Essa regra é suficiente para garantir desenvolvimento sustentável? O que precisa ser feito para que os clubes invistam além da obrigação?

A obrigatoriedade foi um mal necessário. Sem ela, muitos clubes não teriam sequer começado. O ideal é que clubes acreditassem na causa e vissem oportunidade de mercado, contratando pessoas que realmente acreditem no futebol feminino, mas sabemos que a sociedade impõe um preconceito muito grande em cima da mulher. O pior cenário é ter pessoas que não acreditam na modalidade gerindo os times, e esse é o maior caso de equipes do Brasil.

Que conselhos você dá para jovens mulheres que querem entrar no jornalismo esportivo hoje?

Primeiro: estejam preparadas — a mulher geralmente precisa estar mais preparada pela pressão maior que sofrerá. Tenham confiança no que fazem e não deixem ninguém diminuí-las. Evitem competir umas com as outras, saibam que juntas vocês têm mais força.



O Red Bull trouxe para o feminino recursos técnicos e administrativos que, na prática, ampliam a capacidade de trabalho da comissão

(Fotos: João Pedro Belvedere)



A estrutura que gera resultado

Red Bull Bragantino inverte a lógica do futebol brasileiro, investindo para colher títulos

Por Gustavo Seneme

O caminho de uma atleta de futebol feminino no Brasil pode começar em um “campo no meio de pasto, treinando com várias vacas no campo”, como relata a goleira Alice Tosta sobre seu início em Maceió. Hoje no Red Bull Bragantino, esse caminho termina no HWT Sports, um centro de treinamento de alto nível.

Essa transformação do improvisado para a excelência não é acaso. O clube implementa uma filosofia desde de 2020, que comprova na prática a tese central que o investimento sério em estrutura e condições de trabalho não apenas valoriza a modalidade, mas se converte diretamente em resultados dentro de campo.

Gabriel Barreiro, que assumiu a coordenação do futebol feminino em abril de 2025, explica que o projeto inverte a lógica tradicional do mercado esportivo brasileiro:

“Uma das coisas que me atraiu para o projeto foi conhecer a estrutura. Com certeza o nível de investimento influencia no resultado. Em vários momentos no futebol feminino se vê necessidade de fazer um trabalho bom para ter investimento. E o contrário? Dificilmente investe-se primeiro para cobrar o resultado depois. Aqui no clube há muito investimento,

e naturalmente o resultado é cobrado e, pelo trabalho que já vem sendo construído ao decorrer dos anos, os resultados estão acontecendo.”

A diferença, segundo Gabriel, está no arranjo institucional. O clube adota um modelo “clube-empresa” que, na visão do coordenador, traz “tranquilidade de trabalho” e permite planejamento de médio prazo. Mas o investimento do Red Bull Bragantino não se resume a finanças, ele se traduz em pessoas.

Investimento

O Red Bull trouxe para o feminino recursos técnicos e administrativos que, na prática, ampliam a capacidade de trabalho da comissão. O treinador Humberto Simão, no clube desde o início do projeto, confirma que o departamento funciona com cerca de 30 profissionais entre as equipes profissional e sub-20, mas nem sempre foi assim.

“Quando cheguei ao clube em 2021, havia somente 7 profissionais no departamento do futebol feminino. Isso mostra o quanto o clube investe no setor.” Ele também vê a estrutura como a base que permite à comissão técnica e às atletas focarem na performance: “Quanto mais ferramentas você tem para desempenhar um bom trabalho, mais perto você está dos bons rendimentos. O grupo Red Bull

entrega em todos os aspectos”

Desde 2021 no clube, Humberto Simão Dias Paulo assumiu o comando da equipe principal em setembro de 2023. Ele foi auxiliar de Camilla Orlando (2021) e Rosana Augusto (2023), além de ter comandado as categorias de base no Paulista Feminino Sub-20 e Sub-17. Ele viu a comissão crescer, o ambiente se transformar e o projeto evoluir, e hoje é o treinador com mais partidas no comando da equipe principal.

As jogadoras descrevem essa mudança em termos concretos: alimentação regular, fisioterapia, psicologia disponível, academia e um CT exclusivo para o feminino. Alice Tosta, goleira que saiu de Maceió para o Bragantino, resume a diferença com uma lembrança forte do passado.

“Quando jogava na União Desportiva (AL), o clube não tinha estrutura. A gente treinava em um campo no meio da rua, tinha vacas dentro do campo, era um pasto. A gente jogava o Brasileiro A2, jogava o campeonato Alagoano e sempre fomos referência, mesmo com tantas dificuldades.”

Essa precariedade, que consome a energia mental da atleta, também é lembrada pela zagueira veterana Gêssica Nascimento, que iniciou sua carreira em 2009 na Ferroviária.

“É, no começo a gente não tinha muito isso”, explica Gêssica sobre sua for-

“Aqui no clube, se eu não tô bem, não vão me obrigar a ficar treinando. Esse apoio é fundamental

Gêssica Nascimento



Zagueira Caterine Ferreira, recém promovida a equipe profissional
(Fotos: João Pedro Belvedere)

Gabriel Barreiro, que assumiu a coordenação do futebol feminino em abril de 2025



Alice Tosta, goleira que saiu de Maceió para o Bragantino



mação. “A gente não tinha essa estrutura de um local que a gente tem que almoçar todo mundo que nem a gente tem hoje. Às vezes a gente tinha que ir caminhando para o treino, porque não tinha um ônibus para levar as atletas”.

Géssica destaca que, na época, o que movia as jogadoras era “mais amor e acreditar e sonho”. A principal diferença, segundo ela, era a incerteza diária: “Antigamente a gente ia para o treino e falava assim: ‘Como que vai ser hoje? Será que a gente vai ter almoço?’. A gente ia com essa preocupação”.

Próxima Geração

O Red Bull Bragantino não enxerga a categoria de base apenas como uma formalidade, mas como um pilar estratégico do projeto. O coordenador Gabriel Barreiro explica que o time sub-20, atualmente em seu segundo ano, é um projeto com metas realistas de ampliação, focado em equilibrar o desenvolvimento interno com a experiência externa. “Busca-se sim, jovens atletas que podem futuramente gerar receita para o clube. E ao mesmo tempo, o equilíbrio de trazer jogadoras do mercado, com vasta experiência, para também ajudar o desenvolvimento das jovens”.

Essa integração é vivida diariamente no CT. Com passagem pela Ferroviária durante sua formação, a zagueira Caterine Ferreira, 21 anos, representa esse caminho. Ela chegou ao clube para a base em 2024 e hoje treina e atua no profissional. Para ela, a recepção das jogadoras mais velhas foi fundamental para o crescimento:

“A Géssica é uma inspiração para mim desde os tempos de Ferroviária. Ela é uma referência aqui dentro. Muitas vezes procuramos referências fora do clube, mas temos que olhar aqui para dentro, e eu me inspiro muito nela”.

O sentimento é mútuo e faz parte da cultura incentivada pela comissão. A zagueira Géssica, uma das líderes do elenco, vê o acolhimento de jovens como Caterine como uma responsabilidade natural: “Falo que é um prazer tipo ser uma das líderes e, principalmente, ser uma referência para as mais novas, porque eu tive essa referência, então eu sei o quanto é importante”.

Saúde Mental

O investimento em “estrutura” no Red Bull Bragantino vai além do gramado. Um pilar essencial, citado por todos os entrevistados, é o suporte psicológico, tratado como parte integral da performance.

Gabriel Barreiro, o coordenador, destaca que a posição é consolidada e que o clube enxerga as atletas de forma completa:

“Eu acho como essencial, fundamental... a gente enxerga muito as jogadoras como uma pessoa. Então, a gente lida com vidas ali, lida com histórias completamente diferentes. O profissional da psicologia é fundamental para qualquer pessoa, e com as atletas não é diferentes”.

A diferença é sentida diretamente no campo. Para a zagueira Caterine Ferreira, recém promovida a equipe profissional, a

vantagem é a disponibilidade: “Faz total diferença. Qualquer momento eu posso conversar com a Marina, e isso agrega demais dentro de campo”.

Já para a veterana Géssica Nascimento, que disputou a Copa do Mundo de 2015 pelo Brasil, esse suporte é vital. “Eu já convivi com uma que parou por falta de recurso psicológico”, recorda. Ela valoriza a abordagem humana do clube: “Aqui no clube, se eu não tô bem, não vão me obrigar a ficar treinando. Esse apoio é fundamental.”

Ainda exceção

Se o modelo de investimento em estrutura se prova eficaz, por que tantos clubes brasileiros ainda tratam a modalidade apenas como uma “obrigatoriedade”? Para o técnico Humberto Simão, a resposta não é financeira, mas sim uma questão de vontade. “É querer. É só querer. Porque não é o futebol feminino que vai empobrecer o masculino”, afirma Simão.

O treinador desmistifica o argumento de que a modalidade não dá lucro, lembrando que, no Brasil, a maior parte do futebol profissional opera no vermelho. “O futebol masculino, ele também não é rentável. A minoria dos clubes fecham o ano no positivo. Categoria de base, o saldo não é positivo”.

Na visão de Simão, o que realmente impede o progresso é uma barreira cultural que mistura preconceito e uma visão de mercado ultrapassada.

“Eu acho... eu não posso dizer por todos, mas eu tenho certeza que tem o preconceito, não tenho dúvida. Eu tenho certeza que tem a pessoa que se incomoda em ver uma mulher jogar. Isso é fato. No início, o futebol feminino não vai ter a popularidade que o masculino já tem, mas ele pode caminhar para o lado de ser autossustentável, se bem feito. Eu vejo que muitos clubes não querem fazer.”, desabafa o técnico.

Ele credita essa resistência à insegurança e à falta de análise de mercado por parte de outros gestores. “O homem é um bicho muito inseguro e fraco. O sucesso das mulheres incomoda”. Segundo ele, muitos “têm a visão de que não é um bom mercado, não é um bom negócio, por falta de estudo, por não mapear o que vem acontecendo, por ignorância”.

Os resultados confirmam a tese. O clube conquistou o Campeonato Brasileiro Série A2 do em 2021 e 2023, provas de que o projeto consegue transformar investimentos em conquistas nacionais. Em 2024, as Bragantinas avançaram pela primeira vez às fases finais do Brasileirão A1, provando que a equipe já disputa em patamares superiores.

O técnico Humberto Simão, que começou no clube nas categorias de base e assumiu o profissional, tornou-se recordista de partidas no comando das Bragantinas. A marca de 54 jogos – e muitos outros que virão, traduz um projeto em continuidade e amadurecimento técnico, um reflexo claro do investimento em estrutura e na gestão de pessoas.

Vozes femininas do esporte

Adriana Almeida, Letícia Oliveira e Bruna Ficagna analisam o aumento de mulheres no jornalismo

Por William Castro

O futebol brasileiro é contado, narrado e comentado, na maioria das vezes, por vozes masculinas. Nas transmissões, nas redações, nos microfones e câmeras, predominam apenas os homens, e, em muitos casos, a mulher se torna apenas espectadora. Mas essa história, aos poucos, está mudando.

Em Campinas e região, três comunicadoras ajudam a reescrever esse capítulo: Adriana Almeida, Letícia Oliveira e Bruna Ficagna. Três trajetórias diferentes, mas unidas pelo mesmo propósito de mostrar que o esporte também deve ser contado por elas.

Quando Adriana Almeida começou a trabalhar com jornalismo esportivo, em 2006, era raro ver mulheres cobrindo futebol em Campinas. “Na época, você não via nenhuma mulher na redação que falasse de futebol igual eu falava”, relembra.

Formada pela primeira turma de

Jornalismo da Facamp, Adriana entrou na Rádio Bandeirantes de Campinas como rádio-escuta e, em poucos meses, já se destacava pelo conhecimento sobre o esporte. A oportunidade veio quando uma colega grávida se afastou do programa Esporte Total Regional, comandado por Carlos Batista.

Machismo

Adriana recorda um ambiente dominado por homens, mas também momentos de respeito e aprendizado. “O Batista nunca fez diferença por eu ser mulher. Ouvi muitas piadinhas machistas de outras pessoas da equipe, mas nunca deixei isso me parar. Fui conquistando meu espaço mostrando trabalho.”

A comunicadora lembra das dificuldades de acesso, como treinos em que fontes preferiam falar com homens, e do preconceito explícito, como uma vez em que foi hostilizada por torcedores no Estádio Brinco de Ouro da Princesa. “Começaram a gritar xingamen-

tos só por eu ser mulher. Fiquei mal, mas precisava gravar. O cinegrafista me apoiou, e eu segui. Só depois percebi a dimensão daquilo.”, conta.

Mesmo com os percalços, Adriana se tornou referência no jornalismo esportivo campineiro. Foi editora do portal Carlos Batista, repórter de rádio e TV e hoje atua como comunicadora na área da educação, sem abandonar completamente o futebol: “Voltei como freelancer na CBN. Faço o que mais gosto: chegar no jogo e reportar”.

Mas há um ponto que ainda a preocupa: a ausência de sucessoras. “Hoje, não tem nenhuma mulher no rádio esportivo campineiro. É triste. Me ligo pedindo indicação e eu não tenho quem indicar. Isso é preocupante, porque o rádio está diminuindo e o espaço feminino junto com ele.”

Na redação da EPTV Campinas, Letícia Oliveira, de 32 anos, encara todos os dias um desafio diferente: transformar histórias em pontes de empatia entre o público e o esporte. Editora e

produtora do Globo Esporte Regional, começou a se interessar pelo jornalismo ainda adolescente, quando passava as tardes vendo programas esportivos com a mãe. “Eu chegava da escola e queria assistir o mesmo jogo em todos os canais possíveis. Foi minha mãe quem disse: ‘por que você não faz jornalismo?’”, lembra.

A paixão virou profissão. Hoje, Letícia lidera pautas que valorizam o protagonismo feminino dentro e fora de campo. Na EPTV, participa de transmissões com narradoras e comentaristas mulheres, como na Taça das Favelas, cuja final tem equipe 100% feminina. “Eu vejo essa transmissão como um marco para a TV regional. Um grande passo para que vozes femininas possam ganhar espaço”, analisa.

Pioneirismo

Bruna Ficagna, apresentadora do Globo Esporte Campinas, representa uma nova geração de mulheres no jornalismo esportivo. Aos 27 anos, ela



Adriana se tornou referência no jornalismo esportivo campineiro e Letícia Oliveira é editora produtora do Globo Esporte Regional (Fotos: William Castro)



carrega um marco importante na carreira: foi a primeira mulher a narrar um jogo de futebol no Mato Grosso. “Foi assustador no começo”, relembra. “Não tinha em quem me espelhar, nenhuma narradora na Globo. Eu treinava com a fonoaudióloga, narrava sozinha em casa. Quando chegou o dia, pensei: será que vou conseguir? Foram cinco gols, o Cuiabá ganhou de 4 a 1, e deu tudo certo.”, conta com alegria.

A experiência abriu caminho para outras transmissões e consolidou a paixão pela narração. Quando chegou a Campinas para assumir a apresentação do Globo Esporte regional, Bruna sabia da responsabilidade: “Era uma troca de linguagem completa. Tinha medo da reação do público. No primeiro mês, sonhei que estava apanhando na rua por causa da estreia”, conta. “Mas minha mãe disse: ‘os grandes também sofrem críticas, você vai lá e faz’. E deu certo mais uma vez.”, lembra.

Mesmo consolidada, ela não deixa de treinar narração nas folgas: “Pego a TV, escolho um jogo e narro. A gente precisa estar pronta. Jornalista hoje é multiplataforma. E, para mim, é um prazer poder representar mulheres nesse espaço.”, afirma.

As trajetórias de Adriana, Letícia e Bruna se cruzam em um ponto comum: todas precisaram provar que eram competentes antes de serem ouvidas. O futebol, e também o jornalismo esportivo, ainda carregam resquícios de uma cultura que marginaliza o feminino. “No começo, a mulher para falar de esporte tinha que ser bonita. Hoje não. É pela competência”, diz Adriana.

Essa transformação, porém, não aconteceu sozinha. Ela foi construída com persistência, estudo e coragem. Para Letícia, cada mulher que aparece na TV, no rádio ou na internet falando de futebol é uma peça de uma engrenagem maior. “É um trabalho de formiguinha. Mas é o que vai permitir que, daqui há alguns anos, meninos e meninas vejam uma mulher na banca e achem isso normal.”, afirma. Bruna compartilha da mesma visão: “A visibilidade do futebol feminino e das comunicadoras é resultado da resistência. Quanto mais se fala, mais se vê e mais se consome. E, com o tempo, não vai ser ‘o futebol feminino’. Vai ser só futebol.”, analisa.

Futuro

O movimento das mulheres na comunicação esportiva é reflexo direto da expansão do futebol feminino no país. As transmissões cresceram, as pautas ganharam espaço, e as redações começaram a enxergar o potencial de um olhar diverso sobre o esporte.

Das pioneiras de rádio às jovens que chegam à televisão, a presença feminina vem redesenhando o jornalismo esportivo regional. “É inspirador ver uma mulher na TV e pensar ‘eu posso estar ali’. Essa é a força da representatividade”, analisa Adriana.

Bruna Ficagna, apresentadora do Globo Esporte Campinas, representa uma nova geração de mulheres no jornalismo esportivo (Foto: William Castro)



Maternidade no futebol

Do avanço no apoio a jogadoras grávidas ao descaso com as árbitras autônomas

Por Gustavo Seneme

Enquanto novas regras da FIFA e a estrutura de clubes garantem segurança para atletas com contrato, como a Ketlen, artilheira do Santos, profissionais de arbitragem, como Leila Cruz (FIFA-DF), enfrentam a gravidez sem direitos trabalhistas, tirando a licença maternidade por conta própria.

A maternidade no futebol de alto rendimento está, aos poucos, deixando de ser um tabu para se tornar uma pauta urgente. Por décadas, a ideia de parar a carreira para ter um filho era um medo que assombrava atletas e árbitras, muitas vezes forçando uma escolha entre a profissão e a vida pessoal. Hoje, avanços significativos na legislação começam a mudar esse cenário, mas essa nova realidade não é universal.

Um abismo legal e estrutural separa as mulheres que atuam no esporte, e a diferença entre ter ou não um contrato profissional define quem terá apoio e quem dependerá das próprias condições.

O principal divisor de águas veio em 2021, quando a FIFA implementou regras trabalhistas globais para jogadoras de futebol. A principal delas garante uma licença-maternidade obrigatória de, no mínimo, 14 semanas, com o pagamento de pelo menos dois terços do salário contratual. Mais importante, a regra proíbe que um clube rescinda o contrato de uma jogadora por ela estar grávida, oferecendo uma segurança de retorno ao trabalho.

No Brasil, a Lei nº 14.614/2023 também reforçou essa rede de apoio ao garantir que atletas beneficiárias do Bolsa-Atleta continuem recebendo o pagamento integral durante o período de gestação e até seis meses após o parto, sem a cobrança de resultados ou atividade plena.

Essas mudanças criaram, pela primeira vez, uma rede de segurança. Contudo, elas se aplicam a atletas com contratos formais ou bolsas. Para as profissionais autônomas do esporte, como as árbitras, a realidade permanece inalterada.

As histórias da atacante Ketlen, do Santos, e da árbitra assistente Leila Cruz, do quadro da FIFA — ambas mães em 2023 — são o retrato perfeito de quem é e quem não é coberto por essa rede.

Estrutura do Clube

Ketlen é um dos maiores nomes do futebol feminino no Brasil, atacante e artilheira histórica das Sereias da Vila, do Santos FC. Ela é o reflexo direto desses novos tempos. Em 2023, enquanto se preparava para o Campeonato Brasileiro, a gravidez de Lucca foi descoberta.

A notícia foi uma surpresa total. “Eu estava me preparando para o Brasileiro, fiz toda a pré-temporada... e duas semanas antes eu senti que meu corpo estava diferente”, conta a atacante. “Foi uma mistura de sentimentos. Fiquei um pouco assustada em tudo que poderia acontecer, o ano que eu iria perder... mas ao mesmo tempo, foi um momento de muita felicidade, porque sempre foi um sonho.”

O receio inicial de Ketlen era justamente o que a nova legislação veio combater: a

ideia de que teria que escolher entre o sonho da maternidade e a carreira. “Eu sempre quis ser mãe, mas eu achei que eu teria que me aposentar primeiro do futebol para poder realizar esse sonho. Já tinha isso na minha cabeça.”

O passo seguinte foi comunicar o clube, e a resposta foi o primeiro grande diferencial. “Eu anunciei para a comissão e as atletas antes... como viria a competição, eu não poderia esperar”, lembra. A reação foi de apoio total. “Recebi várias mensagens da diretoria, do presidente... O Santos iria me apoiar a todo momento.”

Esse apoio institucional se materializou de forma prática: “A gente tem um plano com o Santos aqui... o plano cobre tudo. Cobriu todos os meus exames, até a maternidade, o parto. Fiquei super tranquila porque é algo que eu não precisei me preocupar.”

A própria preparação física foi uma novidade para a comissão, mas foi integrada ao clube. “Para eles também é novidade... eles começaram a estudar, ver artigos”, diz Ketlen, que treinou até o oitavo mês, com monitoramento cardíaco. “Eu não posso passar de 160 batimentos cardíacos. Se eu chegar nisso, eu tenho que parar um pouquinho.”

Ser Autônoma

Do outro lado do espectro está Leila Naiara Moreira da Cruz. Uma das mais respeitadas assistentes de arbitragem do país, ela é a única representante do Distrito Federal no seletivo quadro da FIFA — um posto que exige performance física máxima constante e para o qual as novas regras da FIFA não se aplicam.

Sua descoberta da gravidez, no final de 2023, também foi uma surpresa, mas com um detalhe alarmante que expõe a intensidade de sua carreira: “Cheguei a fazer jogos de Série A grávida por não saber. Não tive nenhum sintoma de gravidez, então nem desconfiei.”

Ao contrário de Ketlen, Leila não tem um clube ou um contrato de trabalho. Árbitros são vistos como profissionais liberais ou autônomos. “A primeira coisa que fiz foi informar a CBF e a FFDF - Federação do DF... A notícia foi muito bem recebida, teve um cuidado por parte deles”, relata.

Contudo, esse “cuidado” não se traduz em segurança legal ou financeira. “Nós, árbitros, não somos profissionais [no sentido de CLT]. Por não ter carteira assinada, como os jogadores, nós não temos direitos”, explica Leila. “Por não ter um vínculo empregatício, torna muito difícil as federações fazerem algo para nos apoiar. A licença maternidade fica por nossa conta.”

Para se sustentar, Leila recorreu ao planejamento que sempre teve por saber das limitações da profissão. “Eu pago INSS, e somente através eu tive direito a um salário maternidade”. Além disso, sua formação foi crucial: “Sou personal trainer, minha profissão de formação. Continuei trabalhando durante a minha gestação. Isso já era algo planejado.”

Essa autogestão dominou sua preparação física. “Eu não senti tanto porque eu treinei até os nove meses... Mas eu con-



Leila Naiara Moreira da Cruz é uma das mais respeitadas assistentes de arbitragem do país (Fotos: Reprodução)





Ketlen é atacante e artilheira histórica das Sereias da Vila, do Santos Futebol Clube

(Foto: William Castro)

“tinuei tudo por minha conta”, afirma. No pós-parto, a falta de estrutura especializada foi gritante: “Os profissionais que me acompanharam nunca tinham acompanhado árbitras gestantes, eles eram totalmente leigos em relação aos treinos necessários para os árbitros. Tive que explicar para eles... Eu mesma que cuidei dos meus treinos pós-parto.”

Abismo Mental

Embora suas jornadas legais e financeiras fossem opostas, a batalha mental foi a mesma. Ambas foram assombradas pelo estigma cultural. “Existe um receio cultural de quando a mulher vira mãe a vida dela vai parar. Você demora muito tempo para chegar onde cheguei... então é muito difícil tomar essa decisão de parar”, reitera Leila.

Para as duas, o acompanhamento psicológico foi a ferramenta essencial para lidar com a nova identidade. “Um

atleta de alto rendimento não pode ficar sem tratamento psicológico, é essencial”, sentencia Leila. “Me ajudou a enxergar a Leila mãe, pois eu só via a Leila atleta a todo instante. Poder viver esse momento da maternidade sem o sentimento de culpa.”

Esse sentimento de culpa é o maior desafio no retorno, especialmente com a rotina de viagens. “A parte mais difícil do retorno é a psicológica”, diz Leila. “A questão de deixar o meu filho dói... Morro de medo de perder alguma coisa, igual na vez que ele tava prestes a andar e eu fui viajar. Falei para o meu marido colocar uma câmera... Eu acabei não perdendo, mas eu nunca me culpei por não estar com ele, a psicologia me ajudou nisso.”

Hoje, ambas se tornaram referências, mas por caminhos distintos. Ketlen prova que os clubes podem e devem criar estruturas de apoio. Leila se tornou a prova viva de que a carreira na arbitragem

é possível, mas exige uma autogestão e um planejamento que muitas não têm, e expõe a urgência de debater os direitos trabalhistas da categoria.

“A maternidade me fez desenvolver novas habilidades”, conclui Leila. “É até estranho, mas eu sou muito melhor árbitra agora. A maternidade me trouxe essa coisa do detalhe, do cuidado, sou muito mais focada em campo hoje.”

As duas jornadas, vitoriosas no âmbito pessoal, desenham o mapa exato dos avanços e desafios futuros. A história de Ketlen sinaliza um novo caminho, onde clubes e regulamentações entendem a atleta como uma mulher completa, investindo em sua permanência e quebrando o estigma de que a gravidez é o fim da linha.

Já a de Leila expõe uma fronteira ainda não cruzada: a da proteção trabalhista para as profissionais autônomas do esporte, pauta que sequer começou a ser debatida institucionalmente.



Elas mandam no jogo

Três profissionais falam de suas trajetórias na arbitragem feminina no Brasil

Por William Castro

A presença feminina na arbitragem brasileira já foi vista com desconfiança, e até tratada como exceção, mas a realidade décadas depois das primeiras bandeiras levantadas por mulheres nos gramados escancara sua relevância. O caminho para o sucesso, no entanto, foi repleto de barreiras que só começaram a cair graças à insistência de quem decidiu não aceitar o “não” como resposta.

Filha de árbitro amador, **Ana Paula Oliveira** foi uma das primeiras mulheres a enfrentar de forma aberta o machismo presente na arbitragem. Começou nos anos 1990 na função, ainda adolescente, sem imaginar que mudaria a história da arbitragem do Brasil. “A minha primeira barreira da luta contra o preconceito foi dentro de casa. Quando eu quis andar sozinha e sair de Sumaré para fazer o curso na capital, meu pai não apoiou. Ele dizia que futebol era coisa de homem. E ele tinha razão em parte: é um ambiente hostil. Mas eu quis ficar.”, conta.

Além disso, a ex-árbitra enfrentou a desconfiança de dirigentes e colegas de profissão. Conquistou espaço na época em que as mulheres sequer eram consideradas aptas para o futebol profissional. Tornou-se FIFA aos 23 anos e, em pouco tempo, referência nacional. “Eu rompi uma barreira sem querer. A probabilidade de uma mulher chegar onde cheguei era quase zero. Nunca imaginei que um dia teria conquistado tudo isso”, analisa a ex-árbitra.

Mas o sucesso não veio sem custo. A exposição e o machismo enraizado dentro do esporte limitaram suas conquistas. “Durante cinco, seis anos, eu estive entre as melhores do país, mas nunca ganhei o prêmio de “Melhor do Brasil”. Hoje existe esse reconhecimento com a mulher.”, finaliza.

Rejeição

Regildenia Moura iniciou seu percurso no futebol profissional em época parecida. Assim como Ana Paula, veio do futebol amador, e começou a fazer o curso de arbitragem em 2000, nove anos após se mudar de Ouricuri, Pernambuco, para São Bernardo do Campo, em São Paulo.

Em 2004 fez o curso da Federação Paulista de Futebol (FPF), e no ano seguinte passou por um dos piores episódios de sua carreira, a rejeição dentro da instituição. “O gestor da FPF disse para todas as árbitras mulheres desistirem de apitar. Falou que a entidade não queria mais mulheres. Muitas realmente desistiram, mas eu falei que não ia, pois sabia da minha capacidade. Se fosse para apitar Sub-15 e Futebol Feminino para o resto da vida, apitaria como se todo jogo fosse final de Copa do Mundo”, disse Regildenia.

Mesmo lembrada como pioneira na arbitragem brasileira, Regildenia se coloca como parte da “segunda geração”, aquela que “manteve as portas abertas”. “Sou da

geração que botou o pé na porta para que ela não fechasse. A Sílvia Regina abriu as portas para mim, mas para que elas não se fechassem, precisei manter o pé lá.”, conta.

Hoje, como instrutora de arbitragem da Conmebol, Regildenia esclarece que a estrutura cedida para as árbitras atualmente não se compara com a de sua época, e observa com orgulho a mudança de cenário. “Na minha época não tinha estrutura. Era cada um por si. Pagávamos academia, preparador, personal, tudo do próprio bolso. Os cuidados com a saúde mental não eram tão recorrentes naquela época, mas sempre soube que era importante, então também precisava arcar com isso. Hoje está tudo muito melhor”, disse.

Atualidade

A trajetória de **Neuza Inês Back**, uma das principais bandeirinhas da arbitragem brasileira atual, representa a consolidação de tudo o que as gerações anteriores construíram. Natural de uma pequena cidade do interior de Santa Catarina, Neuza entrou para a arbitragem por acaso, acompanhando o irmão em jogos amadores. Inspirada justamente por Ana Paula Oliveira, que conheceu em um evento na adolescência, Neuza decidiu investir na carreira. Passou em testes físicos que muitas mulheres não conseguiam e, em poucos anos, chegou à elite da CBF e da FIFA.

A consagração de sua carreira veio com as convocações para partidas de Copas do Mundo e competições internacionais, como a Libertadores e o Mundial de Clubes. Ao lado de Edna Alves Batista, formou o primeiro trio de arbitragem feminina a atuar em uma competição masculina de elite da FIFA. “O dia em que saiu minha convocação para a Copa do Mundo, eu chorei. Foi a certeza de que tudo o que eu passei na minha vida valeu a pena.”, conta emocionada.

Mas mesmo com o reconhecimento das principais instituições do esporte, Neuza ainda enxerga desigualdades na arbitragem, principalmente na remuneração de partidas masculinas e femininas. “A diferença é enorme. Ganho cerca de quatro mil reais em partidas de futebol masculino e apenas oitocentos no feminino. Isso para mim é algo que tem que mudar. O pão não vai custar mais barato porque uma mulher está comprando.”, analisa Neuza.

A história da arbitragem feminina no Brasil é marcada por persistência e coragem. Das pioneiras que enfrentaram o machismo e a desconfiança às que hoje representam o país em competições internacionais, a jornada é uma prova de que o talento e o profissionalismo dessas mulheres fez a diferença na profissão. “Hoje, quando vejo a Neuza e a Edna onde estão, sinto que todo o sacrifício valeu. Elas vivem e desfrutam da estrutura que a minha geração ajudou a construir.”, conta Ana Paula Oliveira. Se antes o som do apito feminino era abafado por preconceitos, hoje ele ecoa em estádios do mundo inteiro.



Neuza Inês Back é uma das principais bandeirinhas da arbitragem brasileira (Foto: João Pedro Belvedere)



Regildenia Moura (acima) faz parte da 2ª geração da arbitragem



Ana Paula Oliveira foi uma das primeiras a enfrentar o machismo (Fotos: Reprodução)

